

ANGOLANA

ATUALIDADE

Número 0

Rio de Janeiro, julho de 1987

EDITORIAL

Os leitores têm em mãos o número zero do jornal *Atualidade Angolana*. Trata-se de um órgão editado pela Agência Angola Press (ANGOP), com sede em Luanda, e elaborado graficamente no Brasil, onde será distribuído gratuitamente a jornalistas, intelectuais, políticos, empresários, estudantes, professores e demais personalidades e entidades interessadas na atual problemática angolana e no relacionamento, cada vez mais pujante e diversificado, entre Angola e o Brasil. O grande objetivo deste jornal é contribuir para um maior e melhor conhecimento de Angola pelos brasileiros, o que se mostra condição indispensável à consolidação e expansão desse relacionamento.

Para aqueles que conhecem a história dos nossos dois povos, é pacífico que Angola constitui uma das grandes matrizes da formação racial, social, cultural e até econômica (mediante o trabalho escravo) do Brasil. No entanto, Angola (e o restante do continente africano) está completamente ausente do noticiário veiculado pelos representantes da chamada grande imprensa brasileira, a não ser em casos excepcionais, normalmente quando ocorrem grandes tragédias (ou pequenas, mas logo superdimensionadas, por um mecanismo de perversão que não importa aqui discutir). Da conversa com vários amigos e da percepção de como o público local é mantido no mais total desconhecimento em relação à atual realidade em Angola, nasceu a idéia deste jornal. A escolha do chamado público-alvo de *Atualidade Angolana* foi feita na expectativa de que os grupos definidos possam funcionar um pouco como multiplicadores da informação transmitida nestas páginas.

Hoje em dia, e além das ponderações de natureza histórica e cultural, existem todas as razões para um desenvolvimento contínuo das relações entre Angola e o Brasil. Desde que este país prontamente reconheceu, num lance de invulgar lucidez e firmeza diplomática, a independência angolana, a 11 de novembro de 1975, os vínculos entre os dois países não têm feito senão crescer, nos mais diversos domínios, incluindo, evidentemente, o dos negócios. É imprescindível, entretanto, que a opinião pública possa aperceber-se da exata dimensão que tais laços têm vindo a assumir, o que não sucede até agora, pelo menos no lado brasileiro (em Angola, o público tem acesso a um fluxo regular de informações sobre a realidade contemporânea do Brasil). Para que as relações entre os dois países se fortaleçam, impõe-se que os nossos dois povos se conheçam cada vez melhor. É a isso que *Atualidade Angolana* se propõe, modestamente, contribuir.

■ A equipe de *Atualidade Angolana* agradece todo o apoio, sugestões e contribuições que possam ser dadas e coloca-se à disposição para qualquer contato. A correspondência deverá ser enviada para: Rua Alvaro Alvim, 31/Sala 501, Centro - CEP 20031 - Rio de Janeiro - RJ.

Foto: EBN



Embaixador apresenta suas credenciais

O primeiro embaixador angolano no Brasil, Francisco Romão de Oliveira e Silva, apresentou as cartas credenciais ao presidente José Sarney no dia 2 de junho. Logo após a cerimônia,

o diplomata declarou aos jornalistas que, "a partir de hoje, inicia-se uma nova fase nas relações entre Angola e o Brasil, cujos povos estão já unidos por laços sanguíneos, lingüísticos e culturais". Até sua nomeação para o posto de embaixador em Brasília, Oliveira e Silva representou Angola junto do governo da Iugoslávia, durante cinco anos. Anteriormente ele tinha sido comissário (governador) da província de Luanda.

África do Sul prepara-se para invadir Angola

Trópicos sul-africanos começaram no mês de junho a preparar mais uma invasão de grande envergadura contra o território angolano, aproveitando-se do tempo seco, quando a vegetação desaparece e facilita o deslocamento dos tanques e outras viaturas pesadas. A cidade de Ondjiva, capital da província angolana do Cunene, está cercada, há várias semanas, por mais de dois batalhões, 50 carros de combate do tipo Kasper, helicópteros em número indeterminado e várias peças de artilharia do tipo Kentron. O cerco de Ondjiva é o primeiro passo de nova invasão em grande escala ao país, segundo fontes militares angolanas.

Presentemente, a África do Sul continua a ocupar várias parcelas do território angolano ao sul de Ondjiva, perto da Namíbia. O secretário do Comitê Central do MPLA-Partido do Trabalho para a Esfera Ideológica, Roberto de Almeida, afirmou, em discurso feito em Harare, em meados de junho, que Pretória mantém seis batalhões ao sul de Angola, para ações de patrulhamento e operações de reconhecimento e combate, com a cobertura de helicópteros e apoio de fogo, até uma profundidade de 250 quilômetros dentro do território angolano. Essas unidades apoiam igualmente os grupos da Unita.

Até este momento, as agressões realizadas pela África do Sul contra Angola, desde 1975, já causaram prejuízos materiais na ordem de 12 bilhões de dólares, além de mutilação em 50 mil pessoas e o deslocamento de 600 mil, sobretudo mulheres e crianças, para regiões afastadas das zonas de conflito.

Da Dominação à Independência

Quando em 1482 os primeiros portugueses chegaram à costa do território que constituiria mais tarde Pátria angolana, conduzidos por um capitão chamado Diogo Cão, já existiam formações econômico-sociais de classes fortemente organizadas, como, por exemplo, o Reino do Congo, com os seus principais tributários ou reinos submetidos: Loango, Kakongo, Bata, Ngoyo, Ndongo; o Reino da Lunda, com os seus vizinhos Luba e Kazembe; a zona onde existia ainda a formação do comunismo primitivo, como as tribos Yakas, os Bateke e, no centro e sul, tribos bosquímanes que desconheciam a agricultura e a pastoreira.

O Reino do Congo e o Reino da Lunda foram os principais centros de formação econômico-social, dominando o modo de produção escravagista, em que o principal trabalho produtivo era feito por escravos, ao passo que os principais beneficiários desse produto eram a aristocracia, dona dos escravos, e os chefes administrativos provinciais e distritais. É neste contexto que surgem os primeiros portugueses, guarda avançada da grande e dramática experiência do colonialismo.

A princípio, os europeus estabeleceram relações cordiais com as autoridades locais e conseguiram, através destas, introduzir o cristianismo, chegando a alterações de nomes e localidades, passando, por exemplo, o rei do Congo a chamar-se D. Afonso I e a capital, São Salvador. O desenvolvimento das manufaturas nas Américas levou os portugueses a implementar a compra de nativos cativos dos reis e transformá-los em escravos e a convencer as autoridades a guerrear entre si, para obter mais escravos, destinados ao trabalho forçado nas Américas e às suas colônias de São Tomé e Brasil.

O comércio de escravos tomou proporções tais que, quando o rei do Congo quis deixar de participar dele, já era tarde. A partir de então, seguiram-se as guerras de devastação e conquista durante quase um século. Por volta de 1670, Ndongo era um reino em ruínas.



O povo angolano mantém-se na direção da Unidade Nacional e do Socialismo

Este reino foi um dos que mais resistência ofereceram aos portugueses, onde se destacam os feitos da rainha Nzinga.

Ngola Kanini, por seu lado, aperfeiçoou a tática de ataque aos centros econômicos do colonialismo. Os Jagas fizeram guerrilha. Kuikui II, na zona do Bailundo, procurou criar as bases econômicas para assegurar a independência do povo perante o estrangeiro opressor. Mutu Ya Kevela e Tulante Bula souberam combater contra todas as formas de opressão. E tantos outros nomes inescutíveis, que fazem a história de um povo que se nega a ser escravo. De realçar que o avanço português foi devido à desunião que conseguiram criar entre os angolanos. No entanto, só por volta de 1900 é que os colonialistas conseguiram controlar toda a extensão do vasto território, que constitui hoje a República Popular de Angola e que tanto tinham feito para arruinar. Mas, mesmo depois de 1900, os angolanos continuaram a resistir ao domínio português.

Foram quase quatro séculos de feroz opressão e exploração.

A resistência ao invasor culminou com a proclamação da Independência Nacional a 11 de novembro de 1975, após uma longa guerra de libertação conduzida desde 1961 pelo Movimento Popular de Libertação de Angola — MPLA — força política que congregava todos os verdadeiros patriotas dispostos a derrubar o colonialismo português através da luta armada. Depois da independência, o MPLA teve que fazer frente à tentativa imperialista de neocolonização representada pelos movimentos contra-revolucionários (FNLA e Unita) e, mais tarde, às invasões por parte da racista África do Sul, que continua a mover uma guerra não declarada contra o país.

O povo angolano, firme e decidido, sob a direção do MPLA-Partido do Trabalho e do presidente José Eduardo dos Santos, mantém acesa a chama da luta pela Unidade Nacional e pelo Socialismo, com vista a criar uma Pátria angolana totalmente livre, independente e progressista.

Adaptação de texto do livro *Angola — Trabalho e Luta*, editado em Angola (1985).

ANGUALIDADE

Editor: Anibal João Melo
Redação: Carlos Augusto de Oliveira Lima, Felisberto Costa e Hamilton Magalhães
Diagramação: Fábio Dupin
Arte Final: Fernando de Oliveira
Composição e Impressão: Editora Lidador Ltda.

AGÊNCIA ANGOLA PRESS
(ANGOP)

Diretor Geral em exercício: Raimundo Sotto-Mayor
Diretor de Informação: Avelino Miguel
Diretor Técnico: José Abreu de Oliveira

Sede Central
Rua Rei Katyavala, n.º 120

Telefone: 334-593
Telex: 4160 ANGOP AN - Luanda
República Popular de Angola

Sucursais

Brasil
Diretor: Anibal João Melo
Endereço: Rua Alvaro Alvim, 31/501,
CEP 20031, Centro, Rio de Janeiro
Telefone: (021) 220-9439
Telex: (021) 32462 ANBL BR

Portugal
Diretor: Nazareth Van-Dúnem
Telefone: 533-704
Telex: 42758 ANGOP P

Grã-Bretanha
Diretor: Elio Gamboa
Telefone: 493-1611
Telex: 295813 ANGOP G

Correspondentes: António Santana (Harare), Conceição Luanda (Berlim), Filipe Muakasso (Praga), José Chimuco (Havana), Vasco Correia (Moscou)

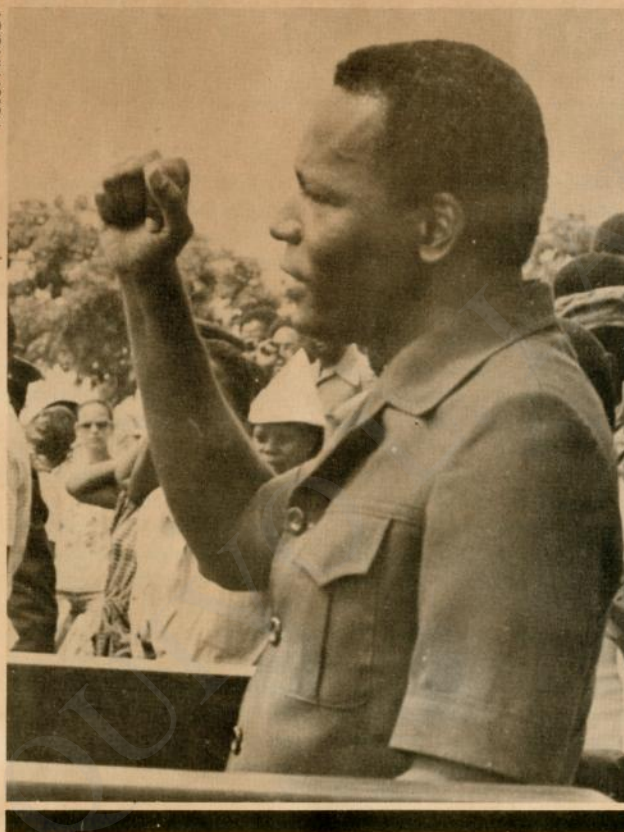
O presidente José Eduardo dos Santos reafirmou que não há qualquer obstáculo da parte de Angola ao estabelecimento imediato de relações diplomáticas com os Estados Unidos. "Nós sempre dissemos que estamos prontos, em qualquer momento, a estabelecer relações diplomáticas com os Estados Unidos", lembrou o chefe de estado angolano quando falava, no fim do mês de junho, em Luanda, a um grupo de jornalistas norte-americanos que foram a Angola para testemunhar a libertação do piloto Joseph Frank Longo, detido desde 21 de abril por ter violado o espaço aéreo do país, na província do Cunene, perto da fronteira com a Namíbia.

Eduardo dos Santos, porém, desligou a possibilidade de Angola estabelecer relações com o governo dos Estados Unidos de qualquer entendimento que envolva a África do Sul, que leva a cabo, desde 1975, uma política sistemática de agressões contra o território angolano. "Angola é um estado independente e soberano. Os Estados Unidos são um estado mais antigo ainda do que Angola e, portanto, não há razões para que nesse processo de relações diplomáticas entre os dois governos interfiram outros países", sublinhou José Eduardo. O presidente angolano reafirmou igualmente que os soldados cubanos vão permanecer em Angola enquanto persistirem as ameaças sul-africanas. Para José Eduardo dos Santos, a paz e a tranquilidade na África Austral só existirão quando a Namíbia estiver independente e o *apartheid* for abolido dentro da África do Sul.

Hostilidade americana

Os Estados Unidos são um dos únicos países do mundo que se recusa, até o momento, a reconhecer a independência de Angola, proclamada no dia 11 de novembro de 1975. O pretexto utilizado pelas sucessivas administrações norte-americanas é a presença cubana em Angola, que a Casa Branca insiste em inserir no âmbito do confronto Leste — Oeste. As autoridades angolanas têm reiterado que os cubanos foram chamados para ajudar a defender o país das agressões sul-africanas e que não têm quaisquer pretensões hegemônicas na região. Até agora, não houve sequer um caso em que os cubanos tenham ultrapassado as fronteiras

Foto: ANGOP



José Eduardo dos Santos "Estamos prontos para estabelecer relações com os EUA"

de Angola. De igual modo, existe um plano de retirada gradual das tropas cubanas do território angolano, desde que cesse a agressão sul-africana, apresentado pelo presidente Eduardo dos Santos às Nações Unidas. Apesar disso, a hostilidade americana em relação a Angola aumentou ainda mais, após a subida de Ronald Reagan ao poder, em 1980. Atualmente, além do notório encorajamento que a Casa Branca dispensa às práticas de terrorismo de estado da África do Sul, passou também a apoiar abertamente a Unita, uma organização contra-revolucionária que tenta derrubar pela força o governo legal angolano.

Essa hostilidade oficial de

Washington contra Angola contrasta, de maneira incompreensível, com as excelentes relações comerciais e financeiras entre este país e algumas empresas, bancos e instituições de crédito norte-americanas. Os Estados Unidos, que compram 80% do petróleo angolano, em cuja exploração participa uma subsidiária da Gulf Oil Company, a Chevron, são apenas o maior parceiro comercial de Angola. Ainda recentemente, no início do mês de junho, teve lugar em Washington um fórum sobre as relações econômicas americano-angolanas, organizado pelo Instituto Afro-Americano, no qual participou o ministro de estado angolano para a Esfera Produtiva e ministro da

Energia e Petróleos, Pedro de Castro Van-Dúnem (Loy).

Entretanto, há informações segundo as quais um grupo de parlamentares ultraconservadores, aos quais a Unita está ligada, vão tentar aprovar no Congresso uma legislação que proíba o relacionamento comercial de empresas e entidades norte-americanas com Angola. Comentando essas notícias, o presidente José Eduardo dos Santos sublinhou que a imposição de sanções econômicas criaria "um ambiente mais difícil ainda nas relações entre Angola e os Estados Unidos". Para o estadista angolano, uma medida desse tipo não se ajusta aos interesses dos Estados Unidos ou das empresas americanas que colaboram economicamente com Angola.

Piloto libertado

O presidente da Subcomissão da Câmara dos Representantes dos EUA para os Assuntos Africanos, Howard Wolp, reconheceu que a libertação de Joseph Longo constitui "uma manifestação do interesse do governo angolano em estabelecer melhores relações com os Estados Unidos". Wolp falava numa sessão especial da Assembleia do Povo (Parlamento), em Luanda, no dia 28 de junho, durante a qual o piloto foi entregue pelas autoridades angolanas a uma delegação de congressistas norte-americanos. Longo, que reside em Greensburg (Pensilvânia), juntou-se aos seus familiares, em Washington, na presença do pastor Jesse Jackson, candidato democrata à presidência dos Estados Unidos.

O piloto americano tinha sido capturado pelas tropas angolanas no dia 21 de abril deste ano, em Otchindau, 160 km ao sul de Lubango, quando o monomotor *Beachcraft Bonanza*, com a matrícula N72400 e pertencente à firma Pilot International Company, em que ele viajava foi abatido por violar o espaço aéreo do país. O membro da Comissão de Relações Exteriores da Assembleia do Povo de Angola, André Domingos, considerou a libertação de Joseph Frank Longo uma demonstração da boa vontade das autoridades "no tratamento de problemas ou situações difíceis, que podem complicar o seu relacionamento com outros estados". Por seu turno, o piloto declarou à imprensa, pouco depois da sua libertação, ter sido "muito bem tratado em Angola".

POLÍTICA

Reunião — A melhoria da situação militar em Angola foi constatada pelo Comitê Central do MPLA-Partido do Trabalho, na sua primeira reunião ordinária de 1987, realizada em junho, na capital do país. O órgão analisou também o plano de aplicação da primeira fase do programa de estabilização e recuperação econômica, definido em dezembro de 1985 pelo II Congresso do partido.

Distinção — A Assembléia do Povo (Parlamento) criou a Ordem Agostinho Neto, que poderá ser atribuída a cidadãos nacionais ou estrangeiros que "demonstrem amizade para com a Revolução Angolana ou que tenham alcançado prestígio internacional pelo seu desempenho nas lutas políticas, sociais e econômicas a favor dos povos". Agostinho Neto, poeta, médico e líder revolucionário, foi o primeiro presidente da República Popular de Angola, de 1975 a 1979, quando faleceu, vítima de doença.

GUERRA

Unita — Mais de mil contra-revolucionários da Unita foram mortos pelo exército angolano, em operações empreendidas nas províncias do leste e sul do país.

Fontes militares e governamentais indicaram que nas operações realizadas na província do Moxico, no Leste, foram capturados 50 contra-revolucionários e apreendido material de guerra de origem sul-africana e americana. Jaime Baptista Donge, comissário (governador) do Moxico e presidente da Terceira Região Político-Militar, que abrange quatro províncias, precisou que foram apreendidos uma centena de granadas de mão, 77 obuses para canhões de 60 e 81 mm e minas antipessoais.

No Sul, também foi apreendida uma grande quantidade de projéteis para vários tipos de armas, quatro morteiros de 60mm e 104 armas ligeiras, além de terem sido aprisionados 89 contra-revolucionários.



ECONOMIA

Pesca — A empresa angolana de pesca Fropesca e uma congênera espanhola, a Gabrielitos, assinaram um acordo de transferência de tecnologia válido por dois anos, segundo o qual Angola vai pagar, pelo *Know-How* adquirido, o equivalente em divisas a 17% do pescado capturado pelos espanhóis em águas angolanas. O acordo prevê ainda o abastecimento técnico-material da Gabrielitos às 14 embarcações adquiridas este ano à Espanha pelo governo angolano. Esta última operação vai custar um total de 70.400 dólares.

Angola também assinou com a União Soviética um acordo no domínio da pesca, o qual prevê o fornecimento de tecnologia e embarcações para a frota pesqueira angolana. Os dois países encaram ainda a possibilidade de constituir, no futuro, uma empresa mista de captura de pescado.

Cooperação — Angola comprou ao Zimbábue, este ano,

mercadorias que atingiram um total de 4.462 toneladas, nomeadamente, milho para rações, tabaco, feijão-ervilha, farinha de milho e pintos de criação. Proximamente, serão enviados 15 mil fardos com cobertores, para apoiar a campanha de comercialização no campo, promovida pelo governo angolano. Em troca, o Zimbábue compra de Angola peixe seco e congelado, sal, petróleo e derivados.

Seminário — Técnicos brasileiros, além de portugueses, indianos e canadenses, assim como especialistas de organismos internacionais, participaram, em junho, de um seminário sobre a problemática da lenha e do carvão vegetal, organizado pelo Ministério angolano da Energia e Petróleos. O objetivo do seminário, que teve lugar em Luanda, foi o de analisar os efeitos sócio-econômicos e ecológicos da utilização desses combustíveis pelas populações.

JUSTIÇA

Clemência — O ex-comandante geral da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), uma extinta organização contra-revolucionária angolana, foi anistiado pelo governo, no âmbito da política de clemência e harmonização nacional defendida pelo país. Pedro Afamado, que vivia refugiado no Zaire, apresentou-se recentemente às autoridades, juntamente com a mulher e os filhos.

Divisas — A justiça angolana condenou cinco pessoas a penas que vão de nove a 11 anos de prisão, por transferência ilegal de

divisas, entre elas um cidadão português. No conjunto, os réus foram condenados ainda ao pagamento de uma quantia superior a 600 mil dólares.

Diamantes — O cidadão zaireense Buló Kiango, ex-funcionário da embaixada do seu país em Angola, foi condenado a 14 anos de prisão por tráfico ilícito de diamantes. Kiango foi preso em janeiro de 1986, no Aeroporto Internacional de Luanda, quando tentava deixar o território angolano de posse de 17 pedras não lapidadas, avaliadas em 30 mil dólares.

DIPLOMACIA

Visita — O presidente angolano, José Eduardo dos Santos, poderá visitar oficialmente Portugal, em setembro deste ano. O convite, feito pelo seu colega Mário Soares, foi entregue em Luanda por Diogo Barata, emissário especial do chefe de estado português. O próprio Soares já tinha convidado pessoalmente José Eduardo, em outubro do ano passado, quando os dois se encontraram em Maputo, nos funerais de Samora Machel. As relações entre Angola e Portugal têm sofrido muitos altos e baixos, por causa da tolerância das autoridades portuguesas em relação à atuação dos contra-revolucionários em Lisboa.

Ofensiva — O ministro angolano das Relações Exteriores, Afonso Van-Dúnem (Mbinda), deslocou-se durante o mês de julho ao Senegal, Costa do Marfim, Camarões e Gabão, no âmbito de uma ofensiva diplomática e de relações públicas junto dos países africanos. Durante a viagem, Van-Dúnem teve encontros com os presidentes e outras autoridades dos países visitados e concedeu ainda diversas entrevistas à imprensa local acerca da situação na África Austral. Ele aproveitou para reiterar que o regime de Pretória é o único foco de conflitos na região.

Foto: ANGOP



CULTURA

Pesquisa — Angola e o Ciciba (Centro Internacional de Civilização Bantu) vão desenvolver estudos sobre o Reino do Congo. O projeto compreende pesquisas nas áreas de antropologia, arqueologia, etnografia e outras ciências auxiliares e prevê-se que venha a ter a adesão dos governos do Congo e do Zaire. Em junho, peritos angolanos e o diretor de Investigação do Ciciba, Boyona-Ba Meya, estiveram reunidos, em Luanda, para avaliar os meios humanos, técnicos e financeiros necessários para levar avante a execução do projeto.